

Μοῦσαι ὑποφήτορες: a relação entre o narrador e as Musas nos três prólogos das Argonáuticas de Apolônio de Rodas

Fernando Rodrigues Júnior¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir os três prólogos das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodas, situados no início dos livros 1, 3 e 4, e entender de que maneira a relação oscilante estabelecida entre o poeta e as Musas incita uma reflexão sobre a autoridade narrativa. Ora tendo como fonte do relato a onisciência divina, ora a investigação humana, o poeta se vale da invocação às Musas, entendida como um recurso da poesia épica legado pela tradição, e a dota de um novo sentido através do qual estabelece um diálogo direto com o leitor, guiando o fluxo narrativo e comentando os eventos relatados.

Palavras-chave: Apolônio de Rodas; *Argonáuticas*; Poesia Épica; Literatura Helenística.

Abstract: This paper intends to discuss the three prologues of Apollonius' *Argonautica* at the beginning of books 1, 3 and 4 and to understand how the floating relationship between poet and Muses provides a reflection on narrative authority. Sometimes based on divine omniscience to tell the story, sometimes based on human investigation, the poet uses the invocation to the Muses as a traditional feature of epic poetry and adds to it a new meaning. By means of it he establishes a direct dialogue with the reader, guiding the narrative and commenting on the reported events.

Keywords: Apollonius of Rhodes; *Argonautica*; Epic Poetry; Hellenistic Literature.

Introdução

O enredo das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodas se centra na viagem da nau Argo, zarpando do porto de Págasas rumo à Cólquida e retornando à Hélade sob a liderança de Jasão. Tendo em vista o fato de a expedição ser formada por diferentes heróis dotados de características distintas que os capacitam a desempenhar o papel central em episódios específicos, há quem defenda que, a despeito da liderança de Jasão, o poema teria como protagonista o grupo de argonautas e não uma única personagem.² Tal leitura suscita inúmeras interpretações concernentes à unidade do poema e à sua relação com o modelo homérico. Tendo em vista a dificuldade em identificar a figura central que proporcionasse uma espécie de coesão ao longo de todos os episódios narrados, a unidade desse *epos* po-

1 Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da mesma instituição. Está vinculado ao projeto de pesquisa "A poesia épica grega helenística".

2 Carspecken (1952, p. 99-125).

deria ser compreendida como centrada na viagem marítima, dividida em três etapas bem distintas: a ida à Cólquida, a estadia no reino de Eeta e o retorno à Hélade.

Essa tripartição do enredo é demarcada pela inserção de três prólogos que evocam as Musas, presentes no início dos livros 1, 3 e 4, distinguindo os estágios da viagem. No entanto, cada prólogo se vale de diferentes recursos para apresentar a matéria a ser abordada, estabelecendo uma conexão aparentemente heterogênea entre o narrador e as Musas. Por meio da leitura desses três prólogos, é possível notar como o poeta desenvolve o conceito de autoridade narrativa e reafirma a prevalência da perspectiva humana como mecanismo de confirmação dos eventos reportados.

Os três prólogos das *Argonáuticas*

O primeiro prólogo (*Arg.* 1.1-22), baseando-se no modelo homérico que define inicialmente o objeto da narrativa, afirma que as *Argonáuticas* discorrerão sobre as glórias (κλέα) dos antigos varões que enfrentaram inúmeros perigos durante a navegação em busca do velocino de ouro:

Ἀρχόμενος σέο Φοῖβε παλαιγενέων κλέα φωτῶν
μνήσομαι οἱ Πόντιοι κατὰ στόμα καὶ διὰ πέτρας
Κυανέας βασιλῆος ἐφημοσύνη Πελίαο
χρύσειον μετὰ κῶας εὐζυγον ἤλασαν Ἀργῶ.
Τοίην γὰρ Πελῆϊς φάτιν ἔκλυεν, ὥς μιν ὀπίσσω
μοῖρα μένει στυγερῆ, τοῦδ' ἀνέρος ὄντιν' ἴδοιτο
δημόθεν οἰοπέδιλον ὑπ' ἐννεσίησι δαμῆναι·
δηρὸν δ' οὐ μετέπειτα τειῆν κατὰ βάζιν Ἴησων,
χειμερίοιο ῥέεθρα κιῶν διὰ ποσσὶν Ἀναύρου,
ἄλλο μὲν ἐξεσάωσεν ὑπ' ἰλύος ἄλλο δ' ἐνερθεν
κάλλιπεν αὐτὶ πέδιλον ἐνισχόμενον προχοῆσιν·
ἴκετο δ' ἐς Πελίην αὐτοσχεδόν, ἀντιβολήσων
εἰλαπίνης ἦν πατρὶ Ποσειδάωνι καὶ ἄλλοις
ῥέζε θεοῖς, Ἥρης δὲ Πελασγίδος οὐκ ἀλέγιζεν·
αἴψα δὲ τόνγ' ἐσιδὼν ἐφράσσατο, καὶ οἱ ἄεθλον
ἔντυε ναυτιλῆς πολυκηδέος, ὄφρ' ἐνὶ πόντῳ
ἦε καὶ ἄλλοδαποῖσι μετ' ἀνδράσι νόστον ὀλέσσει.
Νῆα μὲν οὖν οἱ πρόσθεν ἔτι κλείουσιν αἰοιοί
Ἄργον Ἀθηναίης καμέειν ὑποθημοσύνησι·
νῦν δ' ἂν ἐγὼ γενεῆν τε καὶ οὖνομα μυθησαίμην
ἠρώων, δολιχῆς τε πόρους ἄλως, ὅσσα τ' ἔρεξαν
πλαζόμενοι· Μοῦσαι δ' ὑποφήτορες εἶεν αἰοιδῆς.

Começando por ti, Febo, lembrarei as glórias dos antigos
homens que pela foz do Ponto e através das Rochas
Cianeias, por ordem do rei Pélias, conduziram
a bem construída Argo na direção do áureo tovão.
Pois Pélias ouviu um oráculo segundo o qual esperava,
no porvir, um terrível destino: ser morto pelos planos do varão
que visse, oriundo do povo, calçando uma só sandália.
Não muito tempo depois, de acordo com tua profecia, Jasão,

atravessando a pé a correnteza do invernã Anauro,
 salvou uma sandália do lodo, mas deixou
 a outra no fundo, retida pela correnteza.
 Ele logo se dirigiu a Pélías para participar
 da festa que o rei oferecia a seu pai Posidão
 e aos outros deuses, sem lembrança de Hera Pelásgida.
 Assim que Pélías o viu, refletiu e lhe preparou
 uma afletiva viagem marítima, imaginando que no mar
 ou entre estrangeiros o retorno lhe fosse inviável.
 Os aedos de outrora ainda gloriam a nau
 construída por Argos, seguindo as instruções de Atena.
 Mas agora eu narrarei a estirpe e os nomes
 dos heróis, os caminhos pelo longo mar e suas façanhas
 durante a viagem. Que as Musas sejam as intérpretes deste canto.³

Dentre todos os riscos enfrentados, somente a passagem pelas Rochas Cianeias é aludida. Certamente não por coincidência, a menção mais antiga conhecida a respeito da expedição dos argonautas ocorre em *Odisseia* 12.69-72, quando Circe oferece a Odisseu instrução sobre qual rota seguir por mar após passar pelas Sirenas. Ao se referir às Planctas e à quase impossibilidade de atravessá-las, a feiticeira faz uma pequena ressalva:

οἷη δὴ κείνη γε παρέπλω ποντοπόρος νηῦς
 Ἀργῶ πᾶσι μέλουσα, παρ' Αἰήταιο πλέουσα·
 καὶ νύ κε τὴν ἔνθ' ὄκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας,
 ἄλλ' Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἴησων.

Só navegou por aí aquela nau cruza-mar,
 Argo, por todos conhecida, navegando desde Eeta;
 presto a teriam lançado contra as grandes rochas,
 mas Hera a guiou, pois que Jasão lhe era caro.⁴

Havia na Antiguidade uma confusão entre as Πλαγκταί e as rochas que se entrecamam⁵, posteriormente denominadas Plégades ou Simplégades e situadas no estreito de Bósforo (cf. Eur. *IT* 260, 355, 1389 e A.R. *Arg.* 2.596 e 645). Essa designação deriva do verbo grego πλῆσσω e indica a ideia de colisão explorada na travessia dos argonautas, no entanto, no poema de Apolônio, esse obstáculo é geralmente chamado de πέτραι κυανέαι (*Arg.* 1.1-2, 2.317-8, 770, 4.304, 1002-3, S. *Ant.* 966 e Hdt. 4.85). Independente do nome adotado, deve-se notar que o poeta da *Odisseia* associa esse perigo à viagem dos argo-

3 Todas as traduções das *Argonáuticas* citadas nesse artigo foram feitas por mim. A tradução completa do poema já se encontra no prelo e será publicada pela Editora Perspectiva no primeiro semestre de 2021.

4 As traduções da *Odisseia* são de Werner (2014). As traduções da *Iliada*, por sua vez, são de Lourenço (2005).

5 Homero situa as Simplégades durante o retorno a Iolco, estabelecendo um trajeto não explorado em relatos posteriores. Apesar da identificação errônea feita na Antiguidade entre as Simplégades e as Planctas – cujo nome derivaria de πλάζω por conta do constante movimento, perceptível em Hdt. 3.85, Σ *Od.* 12.69, Σ Eur. *Med.* 2 e Plin. *NH* 6.13 –, Apolônio propõe uma clara distinção entre os dois episódios, situando as “rochas ambulantes” em pleno Mar Tirrênio (cf. *Arg.* 4.920-63). Estrabão também estabelece uma distinção em *Geografia* 1.2.10. Para mais informações, cf. Seaton (1887, p. 433-440), Braswell (1988, p. 290-91), Knight (1995, p. 210-16) e West (2005, p. 39-43)

nautas, tendo em vista a fama adquirida pela nau Argo (Ἀργὸ πᾶσι μέλουσα; 12.70). O desafio de atravessar essas rochas poderia ser visto como a aventura potencialmente mais perigosa e, portanto, mais referida dentre as diversas ameaças com as quais os heróis se depararam. Corroborando tal leitura, a nutriz, na *Medeia* de Eurípides (vv. 1-2), afirma que a nau Argo jamais deveria ter chegado à Cólquida cruzando as Simplégades. Da mesma forma, Píndaro, em *Pítica* 4.207-11, menciona somente esse obstáculo (chamado de συνδρόμων πετρῶν) antes de os heróis chegarem ao rio Fásis. Ou seja, Apolônio insere no prólogo o perigo mais citado por poetas anteriores, sugerindo que seu *epos* seguirá com alguma proximidade versões já existentes.

No entanto a narrativa será construída a partir do fluxo de memória individual (μνήσομαι) que se responsabilizará pela coesão e precisão dos eventos a serem relatados. Evidencia-se no emprego do futuro em primeira pessoa uma intenção de se distinguir do modelo homérico que apresenta formalmente a matéria do canto como oriunda de uma fonte externa e divina, ou seja, as Musas, identificadas como filhas da Memória.⁶ O narrador das *Argonáuticas*, por sua vez, apresenta a memória como um instrumento individual a partir do qual o *epos* é gerado. Essa construção é baseada numa estrutura hínica presente, por exemplo, no *Hino Homérico a Selene* (σέο ἀρχόμενος κλέα φωτῶν / ἄσομαι, *h.Hom.* 32.18-19), em provável alusão a uma espécie de poesia hexamétrica marcada pela concisão em relação à *Ilíada* e à *Odisseia*.⁷ Todavia o uso que um poeta helenístico faz de uma estrutura formular recorrente pode ser dotado de novo sentido pertinente às suas intenções ao estabelecer um diálogo com determinado modelo literário. O uso da primeira pessoa no prólogo das *Argonáuticas* enfatiza gramaticalmente o controle humano da narração e justifica a inserção constante do narrador ao longo do poema comentando a ação, tecendo ponderações acerca do comportamento das personagens e guiando o leitor em relação ao que é adequado ou desnecessário para o desenrolar do enredo. Cito alguns exemplos desse recurso.

Em *Argonáuticas* 1.640-9, os heróis chegam a Lemno, onde as mulheres haviam assassinado todos os homens que habitavam a cidade por desprezarem suas esposas legítimas.

6 Μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος / οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε, / πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν / ἠρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τεύχε κύνεσσιν / οἰωνοῖσι τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή, / ἐξ οὗ δ' ἤ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε / Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἄνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς. (*Il.* 1.1-7)
Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida / (mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus / e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades, / ficando seus corpos como presa para cães e aves / de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus), / desde o momento em que primeiro se desentenderam / o Atrida, soberano dos deuses, e o divino Aquiles.

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε: / πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω, / πολλὰ δ' ὃ ἔν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὄν κατὰ θυμόν, / ἀρνύμενος ἦν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων. / ἄλλ' οὐδ' ὡς ἐτάρους ἐρρύσατο, ἰέμενός περ: / αὐτῶν γὰρ σφετέρησιν ἄτασθαλίησιν ὄλοντο, / νῆπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ὑπερίονος Ἥελιοιο / ἦσθον· αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ. / τῶν ἀμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπέ καὶ ἡμῖν. (*Od.* 1.1-10)

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias, que muito / vagou após devastar a sacra cidade de Troia. / De muitos homens viu urbes e a mente conheceu, / e muitas aflições sofreu ele no mar, em seu ânimo, / tentando garantir sua vida e o retorno dos companheiros. / Nem assim os companheiros socorreu, embora ansiasse: / por iniquidade própria, a deles, pereceram, / tolos, que as vacas de Sol Hipérion / devoraram. Esse, porém, tirou-lhes o dia do retorno. / De um ponto daí, deusa, filha de Zeus, fala também a nós.

7 Quanto ao *corpus* de *Hinos* Homéricos, conferir o final parcialmente semelhante do *Hino a Hélio* (*h.Hom.* 31.18-19); o uso de ἀρχομ' αἰείδω (cf. 2.1, 11.1, 13.1, 16.1, 22.1, 26.1, 28.1); o uso de ἄσομαι (cf. 6.2, 10.1, 15.1, 23.1, 30.1); o uso de αἰείδω (cf. 12.1, 18.1, 27.1); o uso de μνήσομαι (cf. 2.495, 4.580, 7.2, 23.1, 6.21, 19.49, 25.7, 28.18, 29.14, 33.19).

timas em favor das escravas trácias. Ansiosos por fazerem contato com as moradoras da ilha, os argonautas enviam à terra o mensageiro Etálide, filho de Hermes, dotado de uma memória imperecível, resistindo até mesmo aos turbilhões invisíveis do Aqueronte. É mencionado que a Etálide havia sido concedido o privilégio de, alternadamente, ora viver entre os mortos, ora entre os vivos. Neste momento o narrador interrompe bruscamente os detalhes que estava fornecendo sobre o arauto e questiona a necessidade de dizer estas palavras continuamente (Ἀλλὰ τί μύθους Αἰθαλίδῃω χρεῖώ με διηγεκέως ἀγορεύειν, vv. 648 - 9).⁸ Ora, se o relato não era necessário, ele poderia simplesmente ter sido excluído do poema. Mas, ao contrário, não somente permanece – apesar de aparentemente supérfluo – como também é justaposto a um comentário crítico, ressaltando a falta de importância destes detalhes digressivos.

Outro exemplo seria a breve digressão, desenvolvida no episódio da Mísia, tendo como finalidade explicar como Hílas se tornou o escudeiro de Hércules.⁹ De acordo com o narrador, o pai de Hílas foi morto por Hércules ao lhe negar entregar um boi, enfatizando que, na realidade, esse desentendimento fora um pretexto criado pelo herói para justificar o início de uma guerra contra os injustos dríopes. Na sequência Apolônio interrompe repentinamente a digressão, visto que ela o conduziria para além do escopo de seu canto. A tentativa de evitar o distanciamento (τηλοῦ) em relação à narrativa principal sinaliza que as *Argonáuticas* evitarão o discurso digressivo e se centrarão com precisão naquilo que foi proposto no prólogo do poema: a viagem dos argonautas e todos os perigos enfrentados ao longo da missão. Ou seja, histórias paralelas sobre cada um dos heróis acerca de façanhas alheias à expedição serão evitadas, bem como uma explanação detalhada sobre os antecedentes da navegação. Quase tudo o que Apolônio informa referente aos motivos que suscitaram a viagem se centra nos versos do primeiro prólogo, entre a proposição da matéria e a menção às Musas (*Arg.* 5-17). Os antecedentes são resumidos em treze versos, de modo que após o prólogo (*Arg.* 1.1-22) e o catálogo de heróis (*Arg.* 1.23-233) a narrativa propriamente tenha início. O mesmo pode ser dito em referência ao final

8 Τείως δ' αὐτ' ἐκ νῆος ἀριστήης προέηκαν / Αἰθαλίδην κήρυκα θοόν, τῷπέρ τε μέλεσθαι / ἀγγελίας καὶ σκῆπτρον ἐπέτραπον Ἑρμείω / σφωϊτέρωιο τοκῆος, ὁ οἱ μνήστιν πόρε πάντων / ἄφθιτον· οὐδ' ἐτι νῦν περ ἀποιομένου Ἀγέροντος / δίνας ἀπροφάτους ψυχῆν ἐπιδέδρομε λήθη· / ἄλλ' ἦγ' ἔμπεδον αἰὲν ἀμειβομένη μεμόρηται, / ἄλλοθ' ὑποχθονίους ἑναριθμῖος, ἄλλοτ' ἐς αὐγὰς / ἠελίου ζωοῖσι μετ' ἀνδράσιν – ἀλλὰ τί μύθους / Αἰθαλίδῃω χρεῖώ με διηγεκέως ἀγορεύειν; (*Arg.* 640-49)

Enquanto isso os valorosos enviaram da nau / o ágil arauto Etálide, a quem haviam confiado / ocupar-se das mensagens e do cetro de Hermes, / seu genitor, que lhe concedera imperecível memória / de todas as coisas. Nem mesmo agora, que partiu para os indizíveis / turbilhões do Aqueronte, o esquecimento penetrou sua alma. / Mas lhe coube por destino uma eterna alternância, / ora contando entre os que estão sob a terra, ora entre / os homens que vivem à luz do sol. Mas qual a necessidade / de eu relatar continuamente essas histórias sobre Etálide?

9 δὴ γὰρ μιν τοίοισιν ἐν ἤθεσιν αὐτὸς ἔφερβε, / νηπίαχον τὰ πρῶτα δόμων ἐκ πατρὸς ἀπούρας, / δήου Θειοδάμαντος, ὃν ἐν Δρυόπεσσιν ἔφερνεν / νηλειῆ, βοῶς ἀμφὶ γεωμόρου ἀντιώοντα. / ἦτοι ὁ μὲν νεῖοιο γῆρας τέμνεσκεν ἀρότρῳ / Θειοδάμας ἴνάη βεβολημένος· αὐτὰρ ὁ τόνγε / βοῦν ἀρότην ἦνωγε παρασχέμεν, οὐκ ἐθέλοντα / ἵετο γὰρ πρόφασιν πολέμου Δρυόπεσσι βαλέσθαι / λευγαλέην, ἐπεὶ οὐ τι δίκης ἀλέγοντες ἔναιον. / ἀλλὰ τὰ μὲν τηλοῦ κεν ἀποπλάγξειεν αἰοιδῆς· (*Arg.* 1.1211-20)

Pois Hércules lhe havia ensinado tais hábitos, / após tê-lo retirado ainda criança do palácio do pai, / o hostil e impiedoso Tiodamante, o qual, entre os dríopes, / ele assassinara ao enfrentá-lo por conta de um boi lavrador: / Tiodamante ferdia o campo laborado com um arado, / tomado pelo sofrimento, quando Hércules o exortou / a lhe conceder o boi arador contra sua vontade. / Na verdade ele desejava um triste pretexto para levar a guerra / aos dríopes, já que viviam sem preocupações com a justiça. / Mas estas histórias me desviariam para longe do meu canto.

do poema, quando a nau Argo, após passar pela Ática, Eubeia e Lócrida, finalmente alcança o porto de Págasas.¹⁰ Não importam a esse *epos* os fatos ocorridos após o término da expedição e que culminaram no exílio do próprio Jasão, banido de Iolco junto a Medeia, pois o foco do poema seria a nau (νήα) e o poeta se centraria em eventos estritamente ligados à viagem.

Nestas duas passagens mencionadas, o leitor é confrontado com um fato incomum à performance do aedo arcaico, pois são raros os momentos em que há uma marca autoral gramaticalmente determinada nos poemas homéricos e, quando tal fato acontece, se concentra, por exemplo, na ocasião de invocação às Musas ou na interpelação da audiência. As *Argonáuticas*, ao contrário, influenciadas pela constante presença do poeta nos *Aitia* de Calímaco, comentando e direcionando os passos da narrativa, rechearão seu enredo com intromissões do narrador, situado num tempo diverso em relação ao das personagens. Isso não implica a criação de dois planos em constante tensão, como concebe De Forest em *Apollonius' Argonautica: A Callimachean Epic*, pressupondo que o mundo heroico dotado de grandeza, do qual fariam parte as personagens, opor-se-ia à elocução media empregada pelo narrador para relatar os acontecimentos.¹¹ De acordo com essa leitura, haveria um contraste insistente ao longo de todo o *epos* entre uma narrativa homérica e um narrador calimaquiano.¹² Seria mais adequado, no entanto, enfatizar a existência de uma dependência da narrativa ao julgamento crítico do narrador, fazendo comentários aos eventos reportados após tê-los selecionado mediante uma exaustiva pesquisa e coleta do material mitográfico oriundo da tradição literária dos séculos anteriores.¹³

10 Ἰάτρ' ἀριστήες, μακάρων γένος, αἶδε δ' αὐοδαί / εἰς ἔτος ἐξ ἔτους γλυκερώτερα εἶεν αἰεῖδεν / ἀνθρώποις ἦδη γάρ ἐπὶ κλυτὰ πείραθ' ἰκάνω / ὑμετέρων καμάτων, ἐπεὶ οὐ νύ τις ὕμνιν ἄεθλος / αὐτίς ἀπ' Αἰγίνηθεν ἀνερχομένοισιν ἐτύχθη, / οὐδ' ἀνέμων ἐριωλαὶ ἐνέσταθεν, ἀλλὰ ἔκηλοι / γαῖαν Κεκροπίνην παρά τ' Αὐλίδα μετρήσαντες / Εὐβοίης ἔντοσθεν Ὀπούντιά τ' ἄσπεα Λοκρῶν, / ἀσπασίως ἀκτὰς Παγασηίδας εἰσαπέβητε. (Arg. 4.1773-81)

Sede propícios, valerosos, raça de afortunados, e que estes cantos, / ano após ano, sejam mais doces de cantar / aos homens. Pois já chego ao glorioso final / de vossos esforços, já que nenhum outro obstáculo / ocorreu quando vos pusestes a retornar de Egina, / nem tempestades de vento bloquearam vosso caminho, mas depois / de atravessardes tranquilamente a terra Cecrópia e Áulis, / por dentro da Eubeia, e as cidades dos lócrios de Opunte, / jubilosamente desembarcastes na costa de Págasas.

11 De Forest (1994, p. 18-36; 70-85).

12 Segundo De Forest (1994, p. 70), «the *Argonautica* is simultaneously a written account of a Bronze Age adventure story and the adventures of the Argonauts themselves - both the words and the deeds signified by the words. Apollonius draws attention to the gap between words and deeds by creating a discontinuity between the words of the narrator and the deeds of the heroes, or their understanding of those experiences. The two levels of narrative - the heroes' world and their narrator's - pull apart as oil from water.» De Forest (1994, p. 79) conclui que «because the dual nature of the *Argonautica* - a Homeric epic by a Callimachean narrator - each literary faction of contemporary Alexandria can find fault with the poem. The poem's ideal reader belongs to one side or the other in the quarrel about epic poetry.»

13 Um exemplo famoso desses comentários do narrador seria o lamento feito às açodes empreendidas sob a influência do amor, situado entre a elaboração do plano para assassinar traiçoeiramente Apsirto e sua execução: Σχέτλι' Ἔρωος, μέγα πῆμα, μέγα στόγος ἀνθρώποισιν, / ἔκ σέθεν οὐλόμενα τ' ἐριδες στοναχαί τε γόοι τε, / ἄλγεά τ' ἄλλ' ἐπὶ τοῖσιν ἀπειρονα τετρήχασιν' / δυσμενέων ἐπὶ παισὶ κορύσσοο δαῖμον ἀρθεῖς / οἶος Μηδεῖη στογερῆν φρεσὶν ἐμβαλες ἄτην. / Πῶς γάρ δὴ μετιόντα κακῶ ἐδάμασσαν ὀλέθρῳ / Ἄψυρτον; τὸ γάρ ἦμιν ἐπισχερῶ ἦεν αὐοιδῆς. (Arg. 4.445-51)

Cruel Amor, grande sofrimento, grande ódio aos homens, / por tua causa as funestas rivalidades, os lamentos, os prantos / e, além disso, outras dores infinitas se agitam. / Contra os filhos de meus inimigos, divindade, ergue-te armada, / da maneira como incutiste uma odiosa loucura na alma de Medeia. / Como subjogou, com uma morte vil, Apsirto quando vinha / a seu encontro? Na sequência de nosso canto trataremos disso.

cf. a imitação dessa passagem em Catulo 64.94-98. Em meio ao comentário sobre o poder destrutivo do

O poeta afirma que não dará detalhes sobre a construção da nau Argo porque antigos aedos já haviam discorrido sobre isso (1.18-19) e não há nenhum motivo para o registro de um κλέος outrora celebrado. Ora, se o antigo aedo reproduzia a canção das Musas como havia ouvido¹⁴, o novo narrador seleciona as matérias adequadas à sua intenção e conta o que lhe aprouver. Tal posicionamento crítico denota uma interferência que não se esgota em humor autorreflexivo, mas exhibe uma construção poética explicitamente baseada no critério da seleção autoral.

Esta primazia seletiva do narrador, verbalizada em passagens como as citadas acima, desenvolve uma tensão interna pelo controle da narrativa, antes exercido estrategicamente pelas Musas. Elas simbolizavam a dependência do poeta a uma fonte externa – ou a ficcionalização desta dependência. Como as Musas tudo sabem (*Il* 2.485), tanto das coisas pretéritas quanto das futuras (*Th.* 32), fornecem ao aedo um conhecimento que ele jamais teria por si só. Em *Odisseia* 8.489-91, Odisseu nota que Demódoco narra os fatos referentes à guerra de Tróia como se tivesse estado no local ou ouvido de alguém que os presenciara. Por serem portadoras de um conhecimento onisciente (apesar de também conhecerem mentiras, cf. *Th.* 104-14 e *Op.* 661-2), sua menção outorga ao poeta autoridade sobre o canto e garante a veracidade das palavras proferidas.

Apolíonio não ignora esse fato, mas acrescenta um domínio humano ao relato, sancionado através do eruditismo mitológico, filológico e etiológico constantemente exibido. Este eruditismo atinge a condição de uma ἐπιστήμη e jamais deve ser visto como pedantismo supérfluo ou digressivo, mas como estratégia de representação, possibilitando a autoridade narrativa mediante uma complexa polifonia poética.

Nessa perspectiva, as Musas acabam adquirindo um papel secundário em relação à função por elas desempenhada no *epos* arcaico. Sua menção só ocorre no verso final do prólogo e o narrador enfatiza que elas são compreendidas como ὑποφῆτορες, ou seja, intérpretes do canto. A primeira ocorrência conhecida desse termo seria exatamente essa passagem das *Argonáuticas* e, portanto, há muita discussão acerca do sentido preciso a ele atribuído. Seaton, por exemplo, o traduz como *inspirers*, estabelecendo uma corre-

amor, o narrador chega a desejar que esse mal atinja a prole de seus desafetos, distanciando-se do enredo e endereçando os efeitos nefastos do amor a destinatários inexistentes no plano da narrativa, mas situados no plano do narrador. Para mais informações, cf. Hunter (1993, p. 116-18) e Hunter (2015, p. 143-45).

- 14 Ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δόματ' ἔχουσαι / ὑμεῖς γὰρ θεαὶ ἐστε πάρεστέ τε ἴστέ τε πάντα, / ἡμεῖς δὲ κλέος οἷον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν / οἳ τινες ἡγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν / πληθὺν δ' οὐκ ἂν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω, / οὐδ' εἴ μοι δέκα μὲν γλώσσαι, δέκα δὲ στόματ' εἶεν, / φωνὴ δ' ἄρρηκτος, χάλκεον δὲ μοι ἦτορ ἐνεῖη, / εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι Διὸς αἰγιόχοιο / θυγατέρες μνησαίαθ' ὅσοι ὑπὸ ἴλιον ἦλθον (Hom. *Il.* 2.484-92)

Dizei-me agora, ó Musas que no Olimpo tendes as vossas moradas - / pois sois deusas, estais presentes e todas as coisas sabeis, / ao passo que a nós chega apenas a fama e nada sabemos -, / quem foram os comandantes dos Dânaos e seus reis. / A multidão eu não seria capaz de enumerar ou nomear; / nem que tivesse dez línguas, ou então dez bocas, / uma voz indefectível e um coração de bronze, / a não ser que vós, Musas Olímpias, filhas de Zeus detentor da égide, / me lembrásseis todos quantos vieram para debaixo de Ílion.

αἱ νύ ποθ' Ἠσίοδον καλὴν εἰδίδαζαν αἰοιδίην, / ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἐλικῶνος ὑπο ζαθέοιο. (...) / ὧς ἔφρασαν κοῦραι μεγάλου Διὸς ἀρτίπειαι, / καί μοι σκηπτρον ἔδον δάφνης ἐριθηλέος ὄζον / δρέμασαι, θηητόν· ἐνέπνευσαν δέ μοι αἰδοίην / θέσπιν, ἴνα κλείοιμι τὰ τ' ἐσόμενα πρό τ' ἐόντα, / καί μ' ἐκέλονθ' ὑμνεῖν μακάρων γένος αἰὲν ἐόντων, / σφᾶς δ' αὐτὰς πρῶτόν τε καὶ ὕστατον αἰὲν αἰεῖδεν. (Hes. *Th.* 22-23; 29-34)

Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto / quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino. (...) Assim falaram as virgens do grande Zeus verdadeiras, / por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso / colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto / divino para que eu glorie o futuro e o passado, / impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos / e a elas primeiro e por último sempre cantar. (trad. de Torrano 1995).

lação com o substantivo ὑποφήτης e pressupondo que o narrador conceberia as Musas como inspiradoras do canto.¹⁵ No entanto seu uso em *AP* 14.1 (Πιερίδων ὑποφήτορες) sugere que a acepção de «intérprete» seria mais adequada. As Musas, por conseguinte, são vistas como uma espécie de colaboradoras cuja função não seria providenciar ao poeta a matéria, mas auxiliá-lo em momentos de dúvida, glosando determinadas passagens e fornecendo maior clareza à narrativa. Em Teócrito *Id.* 22.116-7, é estabelecida uma diferença entre a onisciência das Musas e a função de intérprete de suas palavras assumida pelo poeta.¹⁶ Apolônio inverte essa relação e confere ao poeta a primazia do canto, ao passo que as Musas estão subordinadas à sua fonte de informação. Isso não significa que elas sejam desnecessárias ao *epos* - suas variadas interpelações ao longo dos quatro livros demonstram esse fato -, mas sugere que o conhecimento divino, não mais apresentado como origem de criação poética, é justaposto a uma fonte humana que se vale de outros mecanismos para assegurar a autoridade sobre o relato.¹⁷

Ao mesmo tempo, há uma suposta inconstância quanto ao controle da narração ao longo de todo o poema, não caminhando linearmente rumo a uma gradativa dependência ao poder das Musas, mas oscilando entre distintas fontes. Se em *Arg.* 1.22 as Musas são somente intérpretes do poeta, em *Arg.* 4.1381-2 a primazia cabe a elas e o poeta reproduz o que lhe dizem, por mais inverossímil que a matéria reportada possa parecer.¹⁸ No entanto, em *Arg.* 4.982-6, é mencionada a existência de uma vasta e fértil ilha no mar Ceráunio, onde jaz a foice usada por Crono para castrar o próprio pai.¹⁹ O narrador atribui essa informação a um rumor (φάτις) e pede desculpa às Musas pelo teor do mito reportado, pois ele canta um *epos* dos antigos, embora não quisesse (οὐκ ἐθέλων). Mesmo que o termo φάτις fosse compreendido como “palavras de um deus”, “oráculo” ou “augúrio”²⁰, ainda assim o contraste estaria criado, pois estas palavras não teriam partido das Musas mas de outra fonte qualquer, uma vez que o narrador sente a necessidade de se justificar às divindades inspiradoras por conta do teor indelicado do breve comentário.

15 Seaton (1912, p. 5). *LSJ* considera que os vocábulos ὑποφήτωρ e ὑποφήτης seriam sinônimos. De acordo com essa leitura, o poeta seria um mero intérprete das Musas e dependente da informação disponibilizada por elas. cf. Seaton (1888, p. 83-84). Para uma compreensão contrária, cf. Clauss (1993, p. 17-18).

16 εἰπέ, θεά, σὺ γὰρ οἶσθα· ἐγὼ δ' ἐτέρων ὑποφήτης / φθέγγομαι ὄσσ' ἐθέλεις σὺ καὶ ὅπως τοι φίλον αὐτῆ. (Theoc. *Id.* 22.116-17)

Diz, deusa, pois tu sabes. Eu, porta-voz dos outros, / falarei o que quiseses e como te for agradável.

O poeta também aparece como Μουσάων ὑποφήτης em Theoc. *Id.* 16.29 e 17.115, com a nítida acepção de intérprete. Em Homero o termo ὑποφήτης é usado para designar o intérprete dos oráculos divinos (*Il.* 16.235).

17 De acordo com Clauss (1993, p. 17-18), «the idea of «interpreter» corresponds with the role that Apollonius appears to assign the Muses on several occasions in the poem, when he asks them to explain what is happening (...) It is unnecessary, then, to ascribe to ὑποφήτωρ a meaning that has no parallel. Apollonius does not belittle the Muses with this term, but rather he has in mind for them a function similar to the one they played in the first two books of the *Atia*.»

18 Μουσάων ὄδε μῦθος, ἐγὼ δ' ὑπακούοις ἀεῖδω / Πιερίδων, καὶ τήνδε πανατρεκέως ἔκλυον ὁμήνην (*Arg.* 4.1381-82). *Este é um relato das Musa, eu canto obediente / às Piérides e ouvi com toda exatidão essa história*

19 Ἔστι δέ τις πορθμοῖο παροϊτέρη Ἰονίῳ / ἀμφιλαφῆς πείρα Κεραυνῆ εἰν ἀλί νῆσος, / ἧ ὕπο δὴ κείσθαι δρέπανον φάτις (Ἰλάτε Μούσαι, / οὐκ ἐθέλων ἐνέπω προτέρων ἔπος) ᾧ ἀπὸ πατρός / μήδεα νηλειῶς ἔταμε Κρόνος (οἱ δέ ἐ Διοῦς / κλειοῖσι χθονίης καλαμητόμον ἔμμεναι ἄρπην· (*Arg.* 4.982-87)

Há uma ilha ampla e fértil situada em frente / ao estreito jônico, no mar Ceráunio, na qual é dito / que jaz a foice (perdoai-me, Musas, pois conto, / contra minha vontade, uma história dos antigos) com a qual / Crono impiedosamente cortou a genitália do pai. Mas outros / dizem ser a segadeira que ceifa o colmo, pertencente à ctônica Deo.

20 cf. A. A. 1132; *Pers.* 277; S. *OT* 151 e 1440; A.R. *Arg.* 2.854.

Se o relato das Musas é caracterizado por uma atemporalidade do conhecimento e se, ao mesmo tempo em que elas são a personificação da Memória (Μνημοσύνη), também lhes pertence a ciência do porvir, o relato humano é pautado pelo presente e os mecanismos empregados para assegurar a veracidade dos eventos reportados são os indícios que comprovam – e corroboram – a presença do passado no mundo contemporâneo. O aparato crítico dota a narrativa de um discurso próprio de uma ἐπιστήμη e justifica o emprego do eruditismo por meio da arqueologia explicativa dos fatos. O presente e o passado, desta forma, são atados através da investigação.

Em *Arg.* 2.835-50, temos a descrição dos funerais dedicados a Idmão, atacado por um javali e morto como ele próprio profetizara em *Arg.* 1.140-1 e 443-7. Após degolarem inúmeros carneiros, de acordo com os ritos exigidos pela ocasião, os heróis ergueram uma sepultura ao adivinho, ainda visível aos pósteros.²¹ Recebendo a incumbência de, sem desvios (ἀπηλεγώς), cantar em virtude das Musas (Μουσέων ὑπο γηρύσασθαι; v. 845), o narrador menciona que Febo ordenou aos beócios e aos niseus invocarem o argonauta morto, seu filho, como protetor da cidade e ao redor do sinal gravado sobre seu túmulo estabelecerem um povoado. Porém os habitantes do local, no lugar do eólida Idmão, passaram a celebrar Agamestor a partir de então. Na breve passagem em questão, notamos o evidente contraste de tempos. O emprego de εἰσέτι νῦν (v. 850) situa o conhecimento do narrador especificamente no presente. É a partir desta localização temporal precisa que ele poderá cantar os κλέα φωτῶν (*Arg.* 1.1), baseando-se nos resquícios legados pelo passado, sendo possível até mesmo corrigir os prováveis equívocos perpetuados pela tradição.

Comentários como o citado acima representam uma ruptura com o fluxo contínuo das Musas, rompendo a noção ficcional de “completamente passado” e segmentando a linearidade da narrativa a partir de inúmeras oscilações temporais entre o passado heroico e o presente erudito. Os vários relatos etiológicos presentes nos quatro livros das *Argonáuticas* assumem o papel de agentes da descontinuidade cronológica e garantem a autoridade narrativa baseada no mundo hodierno.²² Mas se os αἴτια proporcionam a ruptura temporal, eles igualmente estabelecem uma conexão entre o passado e o presente por meio da tradição contínua, costurada pela tentativa de se buscar um liame entre o plano do

21 Ἔνθα δὲ ναυτιλῆς μὲν ἐρητύοντο μέλεσθαι, / ἄμφι δὲ κηδεῖη νέκυος μένον ἀσχαλόωντες, / ἦματα δὲ τρία πάντα γόων· ἐτέρῳ δὲ μιν ἦδη / τάρχρον μεγαλωστί, συνεκτερέειζε δὲ λαός / αὐτῷ ὁμοῦ βασιλεῖ Λύκῳ· παρὰ δ' ἄσπετα μῆλα, / ἢ θέμις οἰχομένοισι, ταφήη λαυμοτόμησαν. / καὶ δὴ τοι κέχρυται τοῦδ' ἀνέρος ἐν χθονὶ κείνῃ / τύμβος, σῆμα δ' ἔπεισι καὶ ὀψιγόνοισιν ἰδέσθαι, / νῆιος ἐκ κοτῖνοιο φάλαγξ, θαλέθει δὲ τε φύλλοις, / ἄκρης τυτθὸν ἐνερθῆ· Ἀγερουσίδοσ, εἰ δὲ με καὶ τό / χρειῶ ἀπηλεγέως Μουσέων ὑπο γηρύσασθαι· τόνδε πολιτισσοῦχον διεπέφραδε Βωιωτοῖσιν / Νισαίοισι τε Φοῖβος ἐπιρρήδην ἰλάεσθαι, / ἄμφι δὲ τήνδε φάλαγγα παλαιγενέος κοτῖνοιο / ἄστυ βαλεῖν, οἱ δ' ἀντὶ θεουδέος Αἰολίδου / Ἴδμονος εἰσέτι νῦν Ἀγαμήστορα κυδαίνουσιν. (*Arg.* 2. 835-50)

Então cessaram de se preocupar com a navegação / e lá ficaram em luto pelo funeral do cadáver, / lamentando-se durante três dias inteiros. No dia seguinte, / sepultaram-no com grandeza e o povo lhe prestou as honras fúnebres / com o próprio rei Lico. Junto à tumba degolaram incontáveis / ovelhas como oferenda, segundo o costume aos finados. / O sepulcro deste homem foi erigido naquele solo / e sobre ele há um monumento também visível aos pósteros, / uma tora naval feita de oliveira, florescente em vegetação, / um pouco abaixo do cabo Aqueronte. Se há necessidade / de eu cantar tal fato abertamente, subordinado às Musas, / Febo determinou aos beócios e aos niseus que tornassem / propício esse homem, denominando-o Protetor da Cidade, / e ao redor daquela tora de antiga oliveira fundassem / um povoado, mas eles, no lugar do Eólida Idmão, / temente aos deuses, ainda hoje veneram Agamestor.

22 Zanker (1987, p. 120-24).

narrador e o da narrativa. A própria fraseologia empregada (ἔτι νῦν περ, ἔνθεν, εἰσέτι νῦν περ, etc.) emana do presente e pontua um aparato crítico que assegura a credibilidade do relato, baseada em fontes materiais documentadas e não na onisciência divina.

No segundo prólogo do poema (*Arg.* 3.1-5), o poeta estabelece um outro tipo de relação com a Musa:

Εἰ δ' ἄγε νῦν Ἐρατώ, παρ' ἔμ' ἴστασο καὶ μοι ἔνισπε
 ἔνθεν ὅπως ἐς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἴήσων
 Μηδείης ὑπ' ἔρωτι· σὺ γὰρ καὶ Κύπριδος αἴσαν
 ἔμμορες, ἀδμῆτας δὲ τεοῖς μελεδήμασι θέλγεις
 παρθενικάς· τῷ καὶ τοι ἐπήρατον οὔνομ' ἀνήπται.

Vamos, Érato, coloca-te ao meu lado e me conta
 como da Cólquida para Iolco Jasão trouxe o tosão,
 graças ao amor de Medeia. Pois tu também compartilhas o lote
 de Cípris e com teus cuidados encantas as indômitas
 virgens. Por isso esse amável nome te é atribuído.

Ao invés de uma designação genérica e anônima, a interpelação é direcionada a Érato, tendo em vista a pertinência da matéria erótica nos eventos que ocorrerão na Cólquida. É feita uma correlação entre a função da deusa e seu nome, de modo a enfatizar etimologicamente a pertinência da invocação individualizada. O poeta pede à Musa que se coloque a seu lado e lhe conte como o velocino foi levado à Hélade por meio do amor de Medeia. A imagem de se colocar ao lado rememora a relação entre o poeta e as Musas nos livros 1-2 dos *Aitia* de Calímaco e pressupõe que as duas partes compartilham de uma mesma condição (a própria Érato é questionada pelo poeta em busca de narrativas etiológicas nos *Aitia*, cf. *SH* 238a8).²³ Tal relacionamento se distancia da subordinação delimitada a elas no prólogo do livro 1 das *Argonáuticas*, sob a condição de intérpretes do relato fornecido pelo poeta e elaborado a partir de recursos humanos disponíveis. O narrador solicita a Érato a matéria desse livro, empregando o verbo ἔνισπε, correlato do verbo ἐννέπω presente no prólogo da *Odisseia*. Como nota Richard Hunter, o papel das Musas aparentemente vai ganhando maior importância ao longo dos três prólogos do poema, de modo que, no livro 3, Érato ocupa uma posição intermediária entre copartícipe da criação poética e fornecedora do canto.²⁴ Valendo-se da expressão παρ' ἔμ' ἴστασο, Apolônio possivelmente aludiria, nessa passagem, ao início da *Pítica* 4 de Píndaro, cuja matéria aborda justamente a expedição dos argonautas. Contudo, no epinício, o poeta pede às Musas para se colocarem ao lado do atleta vencedor (παρ' ἀνδρὶ φίλῳ στᾶμεν; v. 1), a fim de celebrar sua vitória. Ou seja, Apolônio estabelece uma equiparação não presente no modelo pindárico e, ao mesmo tempo, antecipa a suposta dependência à onisciência das Musas no prólogo do livro 4.

No início do livro 4 (*Arg.* 4.1-5), Apolônio volta a se dirigir à Musa no singular:

Αὐτῇ νῦν κάματόν γε θεᾶ καὶ δῆνεα κούρης

²³ Os livros 1 e 2 dos *Aitia* apresentariam um conjunto de narrativas etiológicas emolduradas por uma conversa entre Calímaco e as Musas ocorrida durante um sonho, no qual o poeta se dirigiu ao Monte Hélicon e foi recebido pelas deusas. cf. *AP* 7.42.

²⁴ Hunter (1993, p. 105).

Κολχίδος ἔννεπε Μοῦσα, Διὸς τέκος· ἧ γὰρ ἔμοιγε
 ἀμφασίη νόος ἔνδον ἐλίσσεται, ὀρμαίνοντι
 ἠὲ τόγ᾽ ἄτης πῆμα δυσιμέρου ἧ μιν ἐνίσπω
 φύζαν ἀεικελίην ἧ κάλλιπεν ἔθνεα Κόλχων.

Tu mesma, deusa, conta agora o sofrimento e os planos da jovem colca, Musa, filha de Zeus. Pois minha mente, por dentro, se agita em silêncio, refletindo se devo chamar de aflição da loucura causada pelo amor ou de pavor vergonhoso a maneira como ela abandonou a nação dos colcos.

Poderíamos inferir que se trata da mesma Érato invocada no livro 3 e, portanto, sua menção marcaria a divisão do poema em duas partes, destacando a predominância da matéria erótica a partir de então. No entanto, apesar de o prefácio do livro abordar a fuga de Medeia conectada ao sofrimento causado pelo amor, o retorno dos argonautas relatado no livro 4 não seria exatamente um exemplo de narrativa em que a matéria erótica predominasse, embora haja episódios nos quais o amor funciona como um poderoso recurso.

A condição anônima da Musa vincula o início do livro 4 às fórmulas tradicionais de invocação presentes na épica arcaica e, dessa forma, é proposta uma combinação entre o prólogo da *Odiseia* (ἔννεπε Μοῦσα) e o da *Iliada* (θεά).²⁵ Por meio desse recurso, o narrador induz o leitor a pressupor que é estabelecida uma nova forma de conexão entre a matéria do poema e a onisciência divina, atribuindo às Musas novamente a função de fornecedoras do canto, fato gramaticalmente marcado pelo uso do verbo ἔννεπε na segunda pessoa do imperativo. Semelhante postura parece ser corroborada por outras passagens ao longo do livro 4, em que lhes é dada a primazia sobre a narrativa e, por conseguinte, a veracidade do *epos* decorreria de sua autoridade.

Em *Arg.* 4.1381-2, o poeta conta como os heróis levaram, suspensa pelos ombros, a nau Argo por doze dias através do deserto da Líbia, afirmando que, apesar de aparentemente inverossímil, esse é um relato oriundo das Musas (Μουσάων ὄδε μῦθος) e cabe ao narrador ser obediente ao que elas lhe informam (ἐγὼ δ' ὑπακουὸς ἀεῖδω Πιερίδων), pois foi dessa forma que a história lhe foi reportada. Todavia essa aparente subserviência é rompida no episódio comentado anteriormente no qual é mencionada a ilha onde jaz a foice com a qual Crono castrou o pai.²⁶ Imediatamente o narrador pede desculpa às Musas por citar um evento dessa natureza, tendo em vista a falta de decoro decorrente da matéria abordada. Apesar de não querer (οὐκ ἐθέλων), o poeta reproduz uma história tradicional contada por antigos aedos (ἐνέπω πρότερον ἔπος). Por ironia a fonte dessa narrativa se encontra na *Teogonia* de Hesíodo (vv. 154-210), um *epos* apresentado no prólogo como derivado das Musas Heliconíades. Evidentemente a referência a esse poema cosmogônico visa a estabelecer com clareza dois modelos distintos de narrativa: um baseado na autoridade divina e outro baseado em formas diversas de investigação, buscando produzir um relato verdadeiro, independente da inconveniência do conteúdo.

A autoridade narrativa ao longo dos quatro livros das *Argonáuticas* oscila constantemente, ora residindo junto ao narrador, ora sendo propriedade exclusiva das Musas. Os três prólogos marcariam essa mudança, pois possibilitariam ao leitor acompanhar grada-

25 cf. nota 5

26 cf. nota 18.

tivamente a transformação das Musas de meras intérpretes do canto à suposta fonte do μῦθος. Contudo, tal leitura se mostra imprecisa quando analisamos com atenção o real motivo que suscita o questionamento à Musa no prólogo do livro 4: ela é inquirida acerca do sofrimento (κάματος) e dos planos (δήνεα) de Medeia, pois a mente do poeta não consegue compreender com clareza se o real motivo de sua fuga teria sido o pesar causado pelo desejo ou o medo de que o auxílio prestado aos estrangeiros fosse descoberto. O uso do verbo ὀρμαίνω indica o esforço mental feito pelo narrador para tentar identificar as razões de Medeia ao fugir, mas a incapacidade de alcançar uma conclusão o força a questionar a Musa, esperando obter um esclarecimento.

A relação entre poeta e Musa nesse prólogo assume outra perspectiva, pois as divindades não mais disponibilizam a matéria a ser reportada - e o narrador não faz precisamente esse tipo de demanda -, mas oferecem uma interpretação àquilo que é apresentado como fato. Ou seja, valendo-se de uma fraseologia homérica, Apolônio dota essas expressões de um novo sentido e assume de modo inquestionável o controle humano do relato, cabendo às figuras tradicionais das Musas a função de intérpretes ou comentadoras (ὑποφῆτορες) do canto, tal como havia sido anunciado no início do poema.

Considerações finais

O uso constante da primeira pessoa para denotar marcadamente a autoria do *epos* explicita não somente o caminho a ser seguido ao longo da narrativa, como também a utilização de variadas fontes que lhe serviriam de sustentação. De certa maneira o leitor acompanha o processo de confecção do poema e tem acesso a informações adquiridas pela investigação que possibilitam garantir a veracidade do μῦθος. Ao se valer de estrutura própria da épica arcaica, Apolônio confere à invocação uma nova abordagem e diminui drasticamente o papel das Musas. A narrativa, nessa epopeia helenística, decorre da investigação humana e cabe ao poeta, nesse ambiente em que os deuses atuam à distância, construir, a partir de um arcabouço de inúmeras informações, um relato acurado, preciso e verdadeiro.

Referências

- ALBIS, R. V. *Poet and audience in the Argonautica of Apollonius*. London: Rowan & Littlefield Publishers, 1996.
- ARDIZZONI, A. *Apollonio Rodio: le Argonautiche, libro I (testo, traduzione e commentario)*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1967.
- BRASWELL, B. K. *A commentary on the fourth pythian ode of Pindar*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.
- BYRE, Calvin S. The narrator's addresses to the narratee in Apollonius Rhodius' Argonautica. *Transactions of the American Philological Association*, v. 121, 1991, p. 215-227.
- CARSPECKEN, John F. Apollonius Rhodius and the Homeric epic. *Yale Classical Studies*, v. 13, 1952, p. 35-143.
- CLAUSS, J. J. *The best of the Argonauts: the redefinition of the epic hero in book 1 of*

- Apollonius' *Argonautica*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- DE FOREST, M. M. *Apollonius' Argonautica: a Callimachean epic*. Leiden: E. J. Brill, 1994.
- FANTUZZI, M.; HUNTER, R. *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GOLDHILL, S. *The poet's voice*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- HARDER, Annette. *Callimachus and the Muses: some aspects of narrative technique in Aetia*. *Prometheus*, v. 14, n. 1, 1988, p. 1-14.
- _____. Aspects of the structure of Callimachus' Aetia. In: HARDER, Annette M.; REGTUIT, Remco F.; WAKKER, G. C. (orgs.). *Callimachus*. Groningen: Egbert Forsten, 1993.
- _____. (ed.). *Callimachus: Aetia* (2 vol.). Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HUNTER, R. L. *Apollonius of Rhodes: Argonautica book III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *The Argonautica of Apollonius: literary studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. *Apollonius of Rhodes: Argonautica book IV*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- KNIGHT, V. *The renewal of epic: responses to Homer in the Argonautica of Apollonius*. Leiden: E. J. Brill, 1995.
- LOURENÇO, F. *Homero: Iliada*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- SEATON, Robert C. The Symplegades and the Planctae. *American Journal of Philology*, v. 8, n. 4, 1887, p. 433-440.
- _____. Notes on Ap. Rhod. with reference to LS. *The Classical Review*, Cambridge, v. 2, 1888, p. 83-84.
- _____. *Apollonius Rhodius: the Argonautica*. London: William Heinemann Ltd., 1912.
- SOUSA, Ana A. A. de. Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos. In: PIMENTEL, Maria Cristina; ALBERTO, Paulo F. (orgs.). *Vir bonus peritissimus aequus: estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.
- TORRANO, J. *Hesíodo: Teogonia, a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- WERNER, Christian. *Homero: Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- WEST, M. L. Odyssey and Argonautica. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 55, n. 1, 2005, p. 39-64.
- WHEELER, Graham. Sing, Muse...: the introit from Homer to Apollonius. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 52, n. 1, 2002, p. 33-49.
- ZANKER, G. *Realism in Alexandrian poetry: a literature and its audience*. London: Croom Helm, 1987.

Recebido em: 14/04/2020; Aceito em: 21/05/2020.